



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v26n01/2019p424-446>

PRECONCEITO E NORMATIVISMO LINGUÍSTICO: UMA ANÁLISE DE PARTICIPAÇÕES DE INTERNAUTAS EM PÁGINAS DE REDES SOCIAIS

PREJUDICE AND LANGUAGE NORMATIVISM: AN ANALYSIS OF INTERNET PARTICIPATIONS ON SOCIAL NETWORK PAGES

Giseli Veronêz da Silva¹
 Jocineide Macedo Karim²

Data de recebimento: 18/04/2019

Data de aceite: 10/05/2019

RESUMO: Este trabalho de pesquisa tem como objetivo principal analisar as práticas de língua(gem) de internautas na página “Língua Portuguesa” da rede social *Facebook* para verificar de que modo o preconceito e o normativismo linguístico se constituem nas posturas adotadas pelas pessoas que frequentam o ambiente da página. Para sustentar essas discussões e as análises, tomamos como base teórica autores da Sociolinguística, a fim de elucidarmos as noções de preconceito linguístico (BAGNO, 2007; 2011) e normativismo (FARACO, 2008) aplicando-os nos espaços de práticas de língua(gem) digitais. Também serão apresentados neste trabalho outros teóricos como (CALVET, 2002; LAMBERT, 1975). Como resultado, foi possível observar que ainda existem muitas pessoas que estão completamente alienadas a uma perspectiva que coloca ainda um modelo padrão que deve ser seguido e valorizado, enquanto outras variedades da língua devem ser sempre estigmatizadas e submetidas ao julgamento do “errado”.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito Linguístico; Normativismo; Práticas de Língua(gem); Redes Sociais; Sociolinguística.

ABSTRACT: This research has as main objective to analyze the language practices of internauts in the page "Portuguese Language" of the social network *Facebook* to verify how linguistic prejudice and normativism are constituted in the postures adopted by the people who frequent the page. To support these discussions and analyzes, we take as theoretical basis authors of Sociolinguistics, in order to elucidate the notions of linguistic prejudice (BAGNO, 2007, 2011) and normativism (FARACO, 2008) applying them in the spaces of language practices. Also presented in this paper are other theorists as (CALVET, 2002; LAMBERT, 1975). As a result, it was possible to observe that there are still many people who are completely alienated to a perspective that still places a standard model that must be followed and valued, while other varieties of language should always be stigmatized and subjected to the "wrong" judgment.

KEYWORDS: Linguistic Prejudice; Normativism; Language Practices; Social Networks; Sociolinguistic.

¹ Doutoranda e Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso.

² Doutora em Linguística e professora orientadora do trabalho de fora de área em Sociolinguística.





Introdução

Esta pesquisa, sustentada na perspectiva teórica da Sociolinguística, tem como objetivo analisar de que modo o preconceito e o normativismo linguístico se constituem nas práticas de internautas que frequentam a página intitulada “Língua Portuguesa”, na rede social *Facebook*.

Tal pesquisa surgiu a partir da visualização de interações nessa página que provocaram certo estranhamento em relação à posição adotada por alguns, ora pela defesa da norma-padrão da língua, ora pela valorização das variedades que compõem o nosso idioma. Dessa forma, optamos por recortar algumas dessas postagens ou comentários para então analisarmos verificar de que modo o normativismo e o preconceito linguístico estão, de certa maneira, impregnados no modo de olhar para a língua por uma boa parte da sociedade, nesse caso vinculados por meio de uma rede social digital.

Nesse sentido, uma rede social pode ser considerada, a nosso ver, como uma estrutura social que estabelece relações entre pessoas, instituições ou grupos, tendo a linguagem como o principal mecanismo para essa conexão. As redes sociais existem mesmo fora da Internet, por isso é importante considerar aqui a qual delas esse trabalho está direcionado, ou seja, aquelas que se constroem se instituem e se propagam pela instrumentalidade das novas Tecnologias Digitais, de modo mais específico, na internet.

Logo, destacamos aqui que este trabalho se destina a analisar fenômenos de práticas de língua(gem) em espaços online e que seguirá a seguinte estrutura: inicialmente trataremos de noções teóricas sobre a Sociolinguística enquanto campo teórico que abarca todas as nossas discussões, seguido pelas definições de variações linguísticas, preconceito e normativismo linguístico, para a partir de





então, olhar cuidadosamente e analisar os posicionamentos de alguns internautas que expuseram seus modos de ver/analisar e, principalmente, usar a língua no contexto da página “Língua Portuguesa”, no *Facebook*.

Sociolinguística: algumas considerações

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística que surgiu na década de 60 e estuda a língua em uso nas comunidades de fala, devolvendo a atenção para um tipo de estudo que associa aspectos linguísticos e sociais. Esta área de pesquisa se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando, sobretudo os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. Tinha-se o objetivo de desenvolver uma nova concepção dos estudos linguísticos e tinha como pretensão investigar a “dimensão sócio histórica” (FRANÇA/BARROS, 2012, p.03) de fenômenos linguísticos, quer dizer, de casos referentes à variação da língua, mudanças linguísticas na interação entre língua e sociedade.

Desse ponto de vista teórico temos que considerar o processo evolutivo pelo qual toda língua passa, como por exemplo, a língua portuguesa, isto é, diacronicamente falando, a língua portuguesa passou e ainda passa por diversas mudanças tanto no campo da oralidade como na escrita, pois aquilo que se torna muito comum apenas na oralidade, hora ou outra torna-se parte da norma padrão. Isso se dá por questões de multiculturalização, globalização, contato com outras línguas e etc.

Alkmim (2007) diz que “a função da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações



reais de uso”. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, sendo orientados pelo mesmo comportamento verbal e conjunto de regras. A sociolinguística toma a variação como seu objeto de estudo e a entende como um princípio geral e universal que pode ser analisada e descrita a partir das considerações que ela somente ocorre por meio de fatores e relações estritamente sociais. Percebe-se, então que a variação linguística ocorre em todos os campos da linguagem. No léxico, no sintático, no morfológico, no fonológico e no pragmático.

Dessa forma interessa-nos voltar o olhar para espaços de práticas de língua onde essas variações entram em conflito com um modelo de percepção da língua que toma a gramática como um modelo único e que deve ser introjetado, mesmo que forçadamente, no aparato linguístico dos falantes. Assim torna-se imperioso verificar a forma como as questões das variações são tratadas em espaços de práticas de linguagem em ambientes digitais e de que maneira os internautas se posicionam frente às variações linguísticas.

Não podemos deixar de comentar, uma vez que, os internautas (falantes) ao estarem inseridos em uma rede social, há um meio social de convívio que a Sociolinguística pode e deve ser trabalhada, uma vez que “uma das principais atuações da Sociolinguística consiste em individualizar as tendências que atuam na relação entre língua e sociedade e, em particular, em determinar os condicionamentos sociais do comportamento linguístico” (MACEDO-KARIM, 2012, p.43).



Conforme Lambert (1973, p.100),

uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente. Os componentes essenciais de atitudes são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, bem como tendências para reagir. Podemos dizer que uma atitude se forma quando tais componentes estão de tal modo inter-relacionados que as tendências de reação e os sentimentos específicos se tornam coerentemente associados ao objeto da atitude. Nossas atitudes se desenvolvem quando enfrentamos nossos ambientes sociais e nos ajustamos a eles.

Assim, essas noções que embasam toda a proposição desta pesquisa tomam, no tópico que segue, um direcionamento específico, ou seja, destacaremos sobre os conceitos de variação e preconceito linguístico. Estes conceitos servirão de base para a tessitura da análise dos dados.

A variação e o preconceito linguístico

A teoria da variação linguística ocasionou uma importante contribuição ao apresentar uma percepção de língua em mudança e em variação, desconstruindo a velha ideia de língua homogênea preconizada pelo ensino gramatical. As variações linguísticas acontecem na língua(gem) e podem ser compreendidas através das variações históricas, regionais e sociais. Ela é comum desde os tempos primórdios. A título de exemplo, mesmo em um país com apenas um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes, pois, a linguagem não é um sistema fechado e imutável, ela é feita de mudanças, de transformações.

Bagno (2007, p. 36) afirma que:

[...] a grande maioria das pessoas acha muito mais confortável e tranquilizador pensar na língua como algo que já terminou de se construir, como uma ponte firme e sólida, por onde a gente pode andar





sem medo de cair e de se afogar na correnteza vertiginosa que corre lá embaixo. Mas essa ponte não é feita de concreto, é feita de abstrato... O real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar, que descem e sobem conforme o regime das chuvas, sujeitas a se precipitar por cachoeiras, a se estreitar entre montanhas e se alargar pelas planícies.

Numa contribuição a esse entendimento, Bagno (2003, p. 15) afirma que: [...] “a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 200 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização”. O que se mostra é que a escola procura sempre impor o monolinguismo, ou seja, impor a norma de língua culta, desprezando o multilinguismo existente no português brasileiro, estabelecendo noções de “certo” e “errado”, o que na verdade não se pode fazer uma vez que “a língua é essencialmente heterogênea, variante e mutante” (BAGNO, 2007, p. 130).

A intenção é mostrar que a norma-padrão é importante no ensino de língua nas escolas, mas esta não pode vir acompanhada de certo preconceito linguístico, não se pode trazer para os alunos uma visão de que determinada variedade é “errada” ou “feia”, “certa” ou “bonita”. É necessário e indispensável que o professor/escola apresente aos seus alunos que na língua portuguesa existem diferentes possibilidades de comunicação, e que cabe a ele (locutor) saber escolher e empregar essas diferentes possibilidades ao contexto que mais achar conveniente e adequado.

Compete ainda enfatizar a importância e a necessidade de saber que a língua sofre variações a todo o momento, pois:

[...] a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa, está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora





no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças pronúncias, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. [...] não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes classes sociais, mais ainda em uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante. (BRASIL, 1998, p. 31).

Nesse sentido, o falante, sabendo previamente sobre os conceitos existentes na língua, ampliará seu repertório linguístico, garantindo o acesso a outras comunidades linguísticas, ou seja, a língua tem por finalidade estabelecer a comunicação/interação. Ela não é algo fixo/parado, onde, se aceita apenas uma possibilidade, mas ao contrário, ela é flexível/maleável, adaptando-se a cada comunidade de modo diferenciado, a questão é aceitar, admirar e respeitar o diferente.

Porém, um problema que acarreta em muitas discussões a esse respeito é o preconceito linguístico. De acordo com Leite (2008), preconceito é o sentimento ou pensamento que pode levar o indivíduo à intolerância. Já esta conduz à postura explícita de não aceitação a qualquer opinião que seja distinta e isto se dá por meio de atitudes e comportamentos de agressividade ou de violência. Quando um indivíduo é intolerante à linguagem do outro, o comportamento apresentado por ele não é silencioso e calmo; diferente do preconceito que pode nunca se manifestar publicamente.

o preconceito não surge exclusivamente de uma dicotomia, pode ser uma rejeição, um “não-querer”, um “não-gostar” sem razão, amorfos, e pode até mesmo não se manifestar; a intolerância, por sua vez, nasce necessariamente de julgamentos, de contrários, e se manifesta discursivamente. É resultado da crítica e do julgamento de ideias, valores, opiniões e práticas (LEITE, 2008, p. 22).



Nessa direção, para Romano e Pereira (2017) o preconceito linguístico possui como base os processos políticos e sociais. Em decorrência disso, é costumeiro observar as associações entre língua e inteligência/falta de inteligência, competência/incompetência, beleza/feiúra, sucesso/insucesso. Isso prova que o preconceito é um fenômeno de exclusão das minorias que usam a variação não-padrão e referencia-se sempre uma classe econômica inferior. Sendo assim, esta minoria é marginalizada linguisticamente, uma vez que “o preconceito revela desconhecimento de algo, pois sendo ele ignorância dos fatos, no caso da sociolinguística, é o desconhecimento das variedades da língua e que estas são fenômenos presentes e visíveis nas manifestações da linguagem” (OLIVEIRA, 2012, p. 6).

Assim, a partir dessas noções fundamentais, seguimos adiante tratando dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa.

Metodologia

Esta pesquisa, situada no domínio de pesquisa em ambientes online, orientada teoricamente pela Sociolinguística, e em concordância com os procedimentos adotados em Oliveira (2019) tem como proposta promover uma discussão sobre preconceito e normativismo linguístico no contexto de publicações na rede social *Facebook*.

A execução desta pesquisa se deu por meio da coleta de publicações encontradas na página “Língua portuguesa”, da rede social *Facebook*, realizadas por meio da utilização da ferramenta *printscreen*.



Essa coleta de dados foi realizada após um certo período de observação, não apenas das postagens da página, mas também das constantes interações entre os internautas que compartilham daquele espaço na rede. Esse procedimento de observação, para Tarallo (1990), é de suma importância, uma vez que é necessário analisar a comunidade como um todo, para a coleta de dados.

A partir desses momentos de observação, procedeu-se à seleção e categorização dos dados, para que, na análise, fosse possível verificar momentos específicos em que os posicionamentos dos internautas apontavam preconceito e normativismo linguístico. Todo esse processo foi realizado em um período de tempo determinado em 06 meses e norteado, conseqüentemente, por leituras teóricas em torno de discussões sobre o tema.

Desse modo, todo o percurso de análise se dá na perspectiva exploratória e descritiva. É exploratória e descritiva porque são fatos observados, analisados, registrados, classificados e interpretados, sem interferência do pesquisador, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados a partir de observações através da rede social *facebook*.

Partindo desses olhares teóricos e metodológicos, destinamos, no tópico a seguir, o nosso olhar para alguns recortes obtidos em uma página da rede social *Facebook*, compreendendo a partir dessa materialidade analítica, como a variação linguística está atrelada a questões de natureza cultural e a maneira como isso é tratado em espaços de práticas de linguagem online, nas redes sociais.



Preconceito linguístico: posicionamento de internautas na rede social *Facebook*

Com o intuito de promover uma espécie de “proteção” à Língua Portuguesa, é possível verificar que recentemente uma série de páginas nas redes sociais tem direcionado o seu foco para discussões em torno de questões de ordem do “certo” e “errado” na língua. Nesse sentido, de acordo com Bezerra e

Pimentel (2016, p. 741):

A “defesa” da língua é um empreendimento sempre abraçado por pessoas que se decidem a (re)agir contra usos linguísticos que a seu ver ameaçam “assassinar”, “deturpar” ou ainda fazer “regredir” o idioma. No âmbito da Internet, essas iniciativas corporificam-se em sites e blogs e aplicativos de diversas naturezas. Para mencionar apenas o *Facebook*, aí é possível localizar uma diversidade de “grupos” e “páginas” que se dedicam a fornecer dicas de usos “corretos” da língua ou ainda a denunciar, corrigir e ridicularizar “erros” frequentes nas redes sociais, no ENEM e em diversas outras instâncias de uso da linguagem.

Dessa maneira, podemos observar que há, nessa constituição de grupos que discutem o funcionamento da Língua Portuguesa e determinam e/ou criticam o que é certo ou errado na língua, um processo de desconhecimento do real sentido do que é e para que serve uma língua, no caso a Língua Portuguesa falada no Brasil.

Tomando isso como base para propormos uma discussão analítica em relação ao posicionamento de internautas sobre à língua portuguesa e/ou suas variações, coletamos, por meio da ferramenta *printscreen*, algumas postagens e



comentários disponíveis na página de acesso aberto na rede social *Facebook* intitulada *Língua Portuguesa*³.

Essa página, tal como apresentada em sua descrição⁴, foi criada em 11 de agosto de 2011, possui 1 milhão e 800 mil seguidores desde então e tem como objetivo desenvolver “explicações rápidas, simples e bem didáticas, dicas, exercícios, mensagens motivacionais, citações de poetas famosos, textos literários e poemas. Tudo voltado para a língua portuguesa”. Esta página, como foi possível observar, tem como objetivo colocar em discussão diferentes aspectos da língua portuguesa, dessa forma, destacaremos a seguir, por meio da ferramenta *printscreen*, uma postagem realizada na referida página no dia 21 de dezembro de 2017.



Figura 01 – Postagem do dia 21/12/2017

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/linguaportuguesa07/>

⁴ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/linguaportuguesa07/about/?ref=page_internal

em:

434





Na postagem observada acima, podemos observar que o responsável pelo *post*, de certa maneira, se isenta de qualquer responsabilidade em julgar o “certo” ou o “errado” na língua, deixando essa postura para os internautas que frequentam a página.

Dessa forma, instaura-se aí uma transferência de responsabilidade sobre a crítica a alguns fatos da língua, embora esteja já estabelecido aí um princípio de preconceito linguístico na sugestão “Cita um erro de português que te irrita profundamente”.

Diante desse convite dos administradores da página, vários internautas se colocaram à disposição para opinar nessa postagem. Dentre os comentários postados, destacamos alguns:

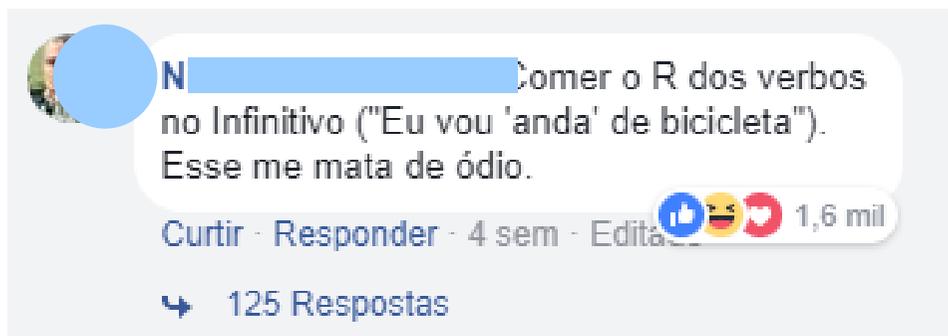


Figura 02 – Comentário da Postagem 1

Aqui o internauta aponta, de forma categórica, que o uso da língua com a variante sem o uso do “R” nos verbos no infinitivo o deixa irritado. Pressupõe-se aqui que ele não está se referindo à fala, mas sim à escrita nas redes sociais. Nesse sentido, Bezerra e Pimentel (2016; 748) apontam que:



Ocasionalmente [...], o normativismo linguístico imbuído do “cuidado com a língua” pode eleger um bode expiatório para os “erros” de português cometidos pelos brasileiros: trata-se das redes sociais (digitais), a quem é atribuída a responsabilidade por fenômenos que, na verdade, se não são categóricos, são pelo menos muito comuns no português brasileiro, independentemente da Internet.

Observa-se ainda que a perda colocada em ênfase no Comentário da Postagem (fig. 02) antes de qualquer conclusão se manifesta como um fenômeno da fala no português brasileiro, em que o fonema correspondente não é pronunciado. Ainda, o fenômeno se mostra igualmente em práticas de escrita não padrão, influenciadas pela fala, podendo envolver tanto falantes adultos com deficiências na aprendizagem dessa escrita como crianças, adolescentes e jovens em processo de escolarização. Se as redes sociais digitais têm algum papel nessa questão, trata-se apenas de dar maior visibilidade ao fenômeno e não de funcionar como a sua causa. Ou seja, posicionar-se dessa maneira em relação a um uso da língua coloca o internauta em uma posição crítica infundada sobre os fenômenos que ocorrem no funcionamento da língua, seja falada ou escrita em ambientes digitais, promovendo então o preconceito linguístico.

É importante citar o trabalho de Lambert (1975) intitulado “Psicologia Social” que considera a atitude como uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento ou ambiente. Os componentes essenciais de atitudes são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, bem como tendências para reagir. As atitudes se desenvolvem quando enfrentamos nossos ambientes sociais e nos ajustamos a eles. Uma vez criadas às atitudes, estas levam regularmente a nossos modos de reagir e facilitam o ajustamento social.





Em suma, as atitudes são definidas como um conjunto de comportamentos que temos com relação a pessoas, grupos e questões sociais, ou seja, as atitudes se desenvolvem e se mostram no e pelo uso da linguagem no convívio social.

Tratando da noção de preconceito linguístico e também da organização desses grupos sociais, destacamos um Comentário da Postagem também realizado na postagem (fig. 02).

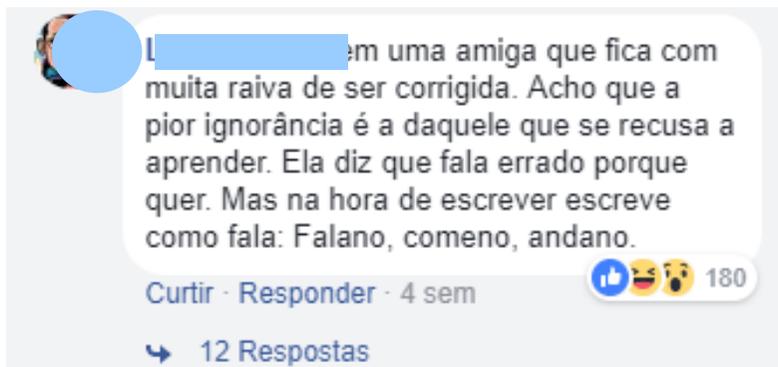


Figura 03 – Comentário da Postagem 1

Nesse Comentário da Postagem, como se pode observar, a internauta se refere a uma amiga que não gosta de ser “corrigida”, e ainda continua atribuindo o título de “ignorante” àquele que não quer “aprender”. Percebemos, nesse breve trecho, que trata-se de uma postura que revela total desconhecimento sobre os fatos da língua. Ou seja, adotando essa postura, a internauta nega que as línguas se organizem de uma maneira uniforme, compreendendo que seus usos orais ou escritos possam ser caracterizados alternativamente como “certos” ou “errados”. Nesse sentido, Bezerra e Pimentel apontam que toda língua se constitui como um conjunto de variedades dotadas de diferenças recíprocas, cada uma delas podendo



ser utilizada de acordo com os contextos sociais de interação. Ainda, há que se concordar com Bagno, quando afirma que é impossível separar dentro da língua “o que pertence à estrutura ou ao sistema linguístico [...] e o que é constructo cultural, social, político, ideológico” (BAGNO, 2011, p. 356).

Compreendendo assim, sabemos que, historicamente, as línguas acabam por ter que adotar uma de suas variedades como preferível em relação às outras, de modo especial, em contextos formais de interação, conformando, portanto, a língua como uma prática social estabilizada. Logo, essa variedade eleita como preferível em contextos de práticas de língua formais não pode ser considerada como a “certa” e nem servir de parâmetro para julgar as demais como “erradas”, tal como defendido pela internauta na fig. 03.

Tratando ainda dessas noções de certo e errado na língua, destacamos uma postagem realizada pela página “Língua Portuguesa”.



Figura 04 – Postagem 2



Nesta postagem (Figura 04), a página se coloca no lugar de julgar os usos linguísticos como certos ou errados, adotando uma postura notadamente normativista. No *post*, a figura das corujas que simula um olhar arregalado encarando o interlocutor, ao lado do enunciado “A MINHA CARA quando alguém escreve ou fala errado”, deixa subentendida uma condenação a práticas letradas ou faladas que não se enquadram no padrão. Nessa situação, a *fanpage* abre mão de qualquer conceito teórico e/ou científico da linguagem sobre as práticas de língua(gem) e adota uma postura normativista que, equivocadamente estabelece o que é certo e o que é errado, tanto na fala como na escrita, independente do espaço de prática onde acontece.

Como a visão adotada pela página se encontra em desacordo com o que propõe os estudos da linguagem, trazemos aqui o conceito de norma para colocar em cheque essas duas visões dicotômicas e mostrar os motivos pelos quais a postura adotada pela página se equivoca em relação aos fatos da língua.

De acordo com o teórico Louis-Jean Calvet (2002, p.69), a questão da norma padrão na sociedade pode levar à dois caminhos/comportamentos linguísticos. Um pode ser considerado como “modo como os falantes encaram sua própria fala”, ou seja, compreendemos que o falante assume o seu modo de falar como sendo o “uso certo” ou “uso errado”. Deste modo, ao tomar este comportamento linguístico, o falante valoriza e aceita sua prática linguística ou se comporta de forma contrária, busca assim, modificar o modo como fala e fica sempre procurando meios para se adequar ao modelo de prestígio. Já no segundo comportamento, diz sobre “às reações dos falantes ao comentarem a fala dos outros”, ou seja, observa-se que o falante se vê no direito de julgar o que ele



mesmo considera como certo ou errado, assim, ocorre um processo de julgamento da fala do outro.

O conceito de norma é, plural. O que existe são normas e não uma norma única de uso da língua. Cada comunidade, virtual ou não, possui suas próprias normas. E o conjunto dessas normas confere à língua portuguesa a sua heterogeneidade e diversidade (BEZERRA E PIMENTEL, 2016). Dessa forma, para Faraco (2008, p. 46), pares dicotômicos como português culto x português popular ou português padrão x português não padrão são incapazes de descrever a complexidade dos fatos linguísticos do português brasileiro. São apenas simplificações usadas para descrever o fenômeno linguístico de forma geral. Igualmente inútil e incorreto é identificar o “português formal” com a escrita e o “português informal” com a fala. E ainda acrescentamos, a atribuição da noção de certo e errado na língua é uma postura inadmissível, sobretudo na contemporaneidade, com a multiplicidade de espaços de prática de línguas, sejam eles *online* ou *offline*.

A respeito das práticas de língua em espaços *online*, nas redes sociais, destacamos na página um Comentário da Postagem que faz a seguinte abordagem:

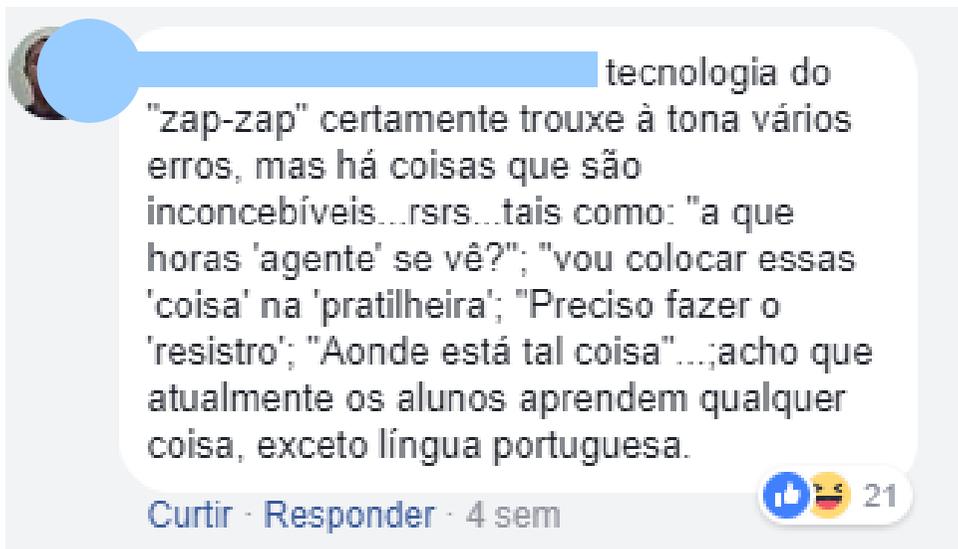


Figura 05 – Comentário da Postagem 2

Nesse Comentário da Postagem é possível observar que o internauta se refere às tecnologias como elucidadoras de muitas questões da língua que até então estavam “ocultas” ou não foi dada a elas a devida visibilidade. Quando ele afirma que “a tecnologia do zap-zap” (referindo-se ao aplicativo *Whatsapp*) “trouxe à tona vários erros”, há a inferência aqui de que as tecnologias possibilitaram às pessoas se expressarem mais por meio da língua e a língua portuguesa não padrão, que supostamente até então, estava restrito à fala, ganhou um redimensionamento nas redes sociais. Isso, de certa maneira, causa um desconforto muito grande nas pessoas que adotam uma postura prescritiva e normativista, que acaba por revelar posicionamentos completamente preconceituosos, tais como se pode observar na própria figura 05, quando o internauta afirma “há coisas que são inconcebíveis [...] como: ‘a que horas agente se vê’[...]”. Embora a frase usada como exemplo esteja em desacordo com a norma padrão estabelecida na língua portuguesa, o internauta



não foi feliz ao tomar essa forma como “errada”, pois não se considerou o contexto onde essa prática se encontra. Pensar e/ou julgar a língua isoladamente do contexto, ou do ambiente de prática, é um equívoco que acaba por resultar em posicionamentos preconceituosos e que revelam completo desconhecimento do real funcionamento da língua.

No caso que analisaremos na sequência, temos dois comentários da Postagem de internautas que participaram de interações no âmbito da página “Língua Portuguesa”.

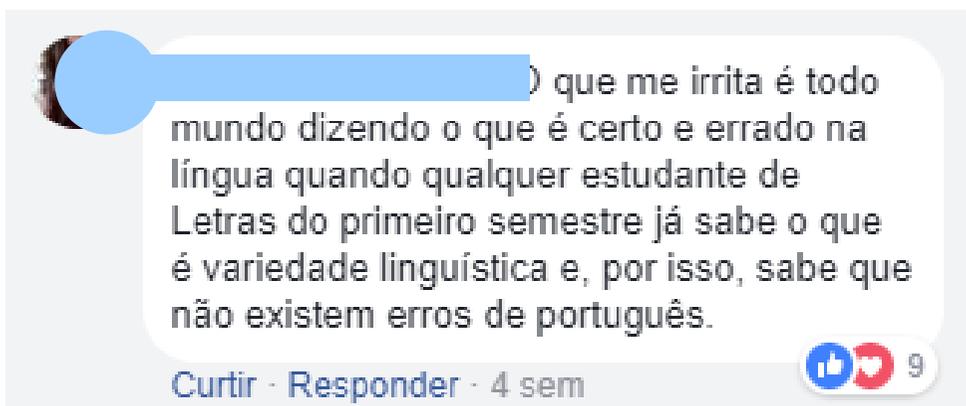


Figura 06 – Comentário 3 e 4 da Postagem

No Comentário da Postagem o internauta, após verificar inúmeros comentários tecendo críticas e estabelecendo padrões para identificar o que é “certo” e o que é “errado” na língua, expressa aí sua irritação dizendo que “qualquer estudante de Letras do primeiro semestre já sabe [...] que não existem **erros** de português”.

Logo, evidencia-se aqui um aspecto importante, que embora não parece ter uma força expressiva nos debates travados na página. Trata-se da manifestação de



internautas que chamam a atenção para as contribuições das ciências da linguagem, frequentemente corrigindo não só a própria página, mas corrigindo-se entre si. Diante da postagem representada pela Figura 06, por exemplo, em que um dos usuários propõe uma boa reflexão frente a tantas “ofensas” à língua portuguesa. Embora tais observações pareçam ser totalmente ignoradas pela responsável pela página, acreditamos que possam contribuir para discussões mais equilibradas sobre as questões linguísticas, do ponto de vista dos usuários. Como presumivelmente parte dos usuários do *Facebook* que seguem a *fanpage* tem formação em Letras e, portanto, contato com a linguística, essas vozes representativas das ciências da linguagem acabam se manifestando nas diversas discussões encetadas nesse ambiente (BEZERRA E PIMENTEL, 2016).

Diante disso, percebemos portanto, que as discussões sobre as variações linguísticas são cada vez mais necessárias, tanto em ambientes de práticas de língua *online* quanto *offline*, pois foi possível observar com essas análises o quanto existem pessoas que não se dão conta das próprias práticas. Enquanto algumas pessoas tecem uma crítica sobre o modo dos outros falarem ou escreverem, julgando o certo e o errado, acabam também por usar, com naturalidade, a variação não-padrão da língua nos mais variados espaços. Ou seja, há que se colocar em cheque os fatores que desencadeiam ou até mesmo alimentam o preconceito linguístico, independentemente do *locos* onde se encontra.

Considerações Finais

Neste trabalho, foi possível promover uma reflexão sobre o preconceito e o normativismo linguístico no em ambientes de práticas de língua(gem) marcados





pelas redes sociais, de modo específico, a página “Língua Portuguesa” no *Facebook*. Tendo como base alguns teóricos como Leite (2008) e Bagno (2007), observamos que o preconceito e o normativismo são termos que possuem diferentes significados e são empregados por indivíduos com pontos de vista distintos e são formados em diferentes níveis de não aceitação das variantes linguísticas; isso acontece, principalmente pela falta de conhecimento do assunto e pelas crenças linguísticas enraizadas nos indivíduos por motivos históricos e socioculturais, o que fomenta comentários baseados no senso comum.

Com esta pesquisa, foi possível analisar uma série de postagens e comentários realizados em uma página da rede social *Facebook* a fim de perceber o modo como os internautas se comportam frente às variações linguísticas, observando, de modo específico o preconceito e o normativismo linguístico presentes nas manifestações deles por meio da língua. Para tanto, selecionamos, por meio da ferramenta *printscreen*, 02 postagens e 04 comentários da página para analisar, no intuito de verificar os fenômenos já descritos anteriormente.

Para concluir, destacamos que é de suma importância que haja mais esclarecimento sobre do uso das variantes linguísticas nos mais diferentes espaços e pelos diferentes tipos de mídias e redes sociais. Apesar de boa parte da imprensa já estar tocando nesse aspecto e se colocando no lugar de expor esse assunto para o conhecimento do público em geral, ainda é preciso expandir mais, para, então, se criar as condições para a construção de uma nação consciente das práticas da própria língua, diminuindo, tanto o sentimento de inferioridade linguística do brasileiro, que, por vezes, se sente estrangeiro em seu próprio país, como diminuindo os casos de preconceito linguístico, que estabelece modelos de certo e errado e condena/segrega os falantes que não se enquadram na norma-padrão.



Referências

- ALKMIM, T. M. **Sociolinguística: Parte I**. In: MUSSALLIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v.1 São Paulo: Cortez, 2011, p. 21-47.
- BAGNO, M. O que é uma língua? Imaginário, ciência e hipótese. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola. p. 355-387, 2011.
- _____. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.
- _____. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2003
- BRASIL. Secretaria de educação Fundamental – **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, 1998.
- BEZERRA, B. G.; PIMENTEL, R. L. **Normativismo linguístico em redes sociais digitais: uma análise da fanpage Língua Portuguesa no Facebook**. Trab. linguist. apl. [online]. 2016, vol.55, n.3, pp.731-755. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010318132016000300731&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 2175-764X. <http://dx.doi.org/10.1590/010318135142185651>. Acesso em 11 de Abril de 2018.
- CALVET, Louis-jean: **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.





- FRANÇA, Simone dos Santos. BARROS, Adriana Lúcia de Escobar chaves. A abordagem da variação linguística no livro didático “Português de olho no mundo do trabalho”. – Campo Grande: **Web-revista SOCIODIALETO**, vol.2, N°2, 2012.
- MACEDO-KARIM, Jocineide. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais**. Tese. Campinas- SP, 2012.
- LAMBERT, William Wilson; LAMBERT, Wallace Earl. (1975). **Psicologia social**. Tradução de Dante Moreira Leite. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e Intolerância na Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- OLIVEIRA, Levi José de. Preconceito Linguístico e Intolerância em espaços virtuais. In.: 4º simpósio hipertexto e tecnologia na educação; comunidades e aprendizagem em rede. UFPE: **Anais...**, 2012, p. 1– 18.
- OLIVEIRA, R. A. da C. **Variação linguística e identidade nas redes sociais: o falar cuiabano do xômano que mora logo ali**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Linguística (Universidade do Estado de Mato Grosso).
- PIRES, Cláudio Henrique de Souza; PINTO; Daglécia dos Santos. As diferentes vozes e os múltiplos sentidos em publicação da página “Língua Portuguesa” no *Facebook*. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.4, p. 42-55, dez.2013.
- ROMANO, Valter Pereira; PEREIRA, Brenda Chauane Edlene. **(In)tolerância e preconceito linguístico no ciberespaço: reflexões acerca dos comentários de usuários**. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 331-350, ago./dez. 2017.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática - 1990.